

Reflexão Crítica: A Formadora em Vários Palcos

Atividade 2.3 — Módulo 3 (RVCC-For) | Formação de Formadores

Esta reflexão parte do preenchimento do questionário de autoanálise sobre práticas profissionais do formador, proposto na Atividade 2.

O exercício não resultou num perfil com um único pico de excelência, mas antes numa distribuição relativamente equilibrada de pontuações ao longo das quatro dimensões — desenvolvimento pessoal e profissional, trabalho com colegas/equipa pedagógica, desenvolvimento da prática pedagógica e reflexão e análise crítica.

É precisamente esse equilíbrio, e a exceção que o contraria, que estruturam a reflexão que se segue.

1. Conexão: o que eu já trazia comigo

A pergunta de partida é simples: como se ligam estas pontuações àquilo que eu já sabia antes de iniciar este módulo? No meu caso, a resposta não está numa área isolada, mas na própria natureza do meu percurso como formadora. Trabalho em simultâneo com públicos e conteúdos técnicos muito diferentes — Direito, Marketing e Comportamental — no âmbito da formação profissional cofinanciada, e sou, ao mesmo tempo, formanda neste curso de Formação de Formadores.

Esta dupla condição, de formar e de estar a ser formada, obriga-me a transitar constantemente entre registos pedagógicos: o rigor normativo de uma unidade sobre obrigações declarativas do sistema social exige uma postura muito diferente daquela que uso numa sessão sobre marketing aplicado ao fitness.

Não é por acaso que o meu questionário não apresenta um único domínio de excelência! A minha prática desenvolveu-se a resolver problemas de adaptação de conteúdo e de método a públicos distintos, mais do que a aprofundar uma única técnica. Essa distribuição equilibrada é, em si mesma, um traço identitário da minha forma de ser formadora e tenho consciência que sou alguém que transporta ferramentas pedagógicas entre contextos técnicos diferentes, em vez de se especializar num só.

2. Expansão: o que mudou no meu pensamento

Este módulo alterou a forma como olho para essa versatilidade. Antes deste exercício, tendia a ver a diversidade de contextos em que formo sobretudo como uma exigência logística: mais uma sessão para preparar, mais uma turma, mais um ou dois documentos. Basicamente, uma rotina.

O que a autoanálise trouxe foi a percepção de que estar simultaneamente do lado de quem forma e do lado de quem está a ser formada (neste curso) é uma posição privilegiada para pensar criticamente sobre a minha própria prática, e não apenas para a executar.

Comecei a notar, por exemplo, que a rapidez com que costumo produzir materiais para diferentes cursos e diferentes UFCD/UCs (uma competência que valorizo e que me é reconhecida) pode coexistir com uma reflexão pouco sistematizada sobre o que resultou bem e o que precisa de ajuste em cada contexto. Produzir muito e produzir com registo consciente do processo são coisas diferentes, e este módulo tornou essa diferença visível para mim de uma forma que não tinha considerado antes. Sobretudo porque, no meu trabalho como formadora de PRA, é exatamente essa consciência do registo que exijo, todos os dias, aos meus próprios formandos.

3. O Desafio: o item 15 como ponto crítico

O ponto mais baixo da minha autoavaliação foi o item 15 — manter um registo das minhas experiências de aprendizagem, relacionando-as com os contextos relacionais em que ocorrem.

É também, para mim, o mais “intrigante”, porque toca diretamente numa das minhas próprias funções como formadora: sou formadora de PRA (Portefólio Reflexivo de Aprendizagens) em EFAs Pro e Dupla Certificação e é parte do meu trabalho ajudar os formandos a construir o seu portefólio reflexivo de aprendizagens que, como sabemos, passa por organizar experiência dispersa em narrativa, a relacionar vivências com competências, a transformar prática em evidência reflexiva.

Confrontar-me com uma pontuação baixa exatamente neste item obrigou-me a olhar de frente para uma contradição: formo e apoio outros a sistematizar a sua aprendizagem, mas nem sempre aplico a mesma disciplina a mim própria.

Este momento de autoanálise não foi, por isso, apenas mais uma tarefa do curso a cumprir. Reforçou em mim a consciência de que o registo reflexivo não é um exercício académico pontual, mas sim um hábito que deveria acompanhar toda a minha prática e que, ao interiorizá-lo verdadeiramente, passo a viver na primeira pessoa aquilo que já pedia aos meus formandos.

É este o insight que mais retiro da atividade: transformar o registo de “trabalho a entregar” em hábito enriquecedor para a melhoria contínua das minhas competências como formadora.

O Contributo do Questionário para o Meu Portefólio

Para quem forma em contextos técnicos tão distintos (e que, simultaneamente, orienta outros na construção do seu próprio portefólio reflexivo), este instrumento tem um valor particular: obriga a olhar para a prática de forma transversal, em vez de avaliar isoladamente cada curso.

No meu percurso para o e-Portefólio Reflexivo do processo RVCC-For, o questionário funciona como o fio condutor que junta evidências que, de outra forma, ficariam dispersas entre diferentes módulos e diferentes turmas. Mais do que identificar pontos fortes e fracos isolados, ajudou-me a perceber um padrão: sou consistente a planear e a comunicar conteúdo tecnicamente distinto, mas ainda inconsistente a aplicar a mim própria a mesma exigência de registo sistemático que exijo aos formandos que acompanho na construção de um Portefólio.

É esse padrão, e não uma nota isolada, que dá sentido ao portefólio como “portefólio de desenvolvimento” e não apenas como arquivo de comprovativos.

Pertinência do Instrumento na Minha Formação Contínua

A pertinência deste tipo de autoanálise, no meu caso concreto, está duplamente ligada à minha atividade profissional.

Por um lado, ao objetivo de evoluir progressivamente para um papel de maior coordenação e gestão pedagógica, que exige sistematizar e transformar experiência dispersa em conhecimento reutilizável. Por outro lado, e de forma mais imediata, à minha própria função como formadora de PRA: se peço aos meus formandos que documentem e relacionem as suas aprendizagens para construir um portefólio reflexivo credível, faz todo o sentido que eu aplique a mesma exigência à minha prática.

Este questionário não é, por isso, um exercício isolado do curso. É um convite a viver, na primeira pessoa, o mesmo processo de reconhecimento e validação que ajudo outros a percorrer.

Conclusão e Plano de Ação

Esta reflexão confirma que o meu perfil de formadora é sobretudo transversal, pois sou capaz de operar em registos técnicos muito diferentes. No entanto, essa mesma versatilidade só se converte em desenvolvimento profissional consistente se eu passar a documentar, de forma regular, o que aprendo em cada contexto.

Mais do que uma tarefa a cumprir para este curso, quero que este registo se torne um hábito genuíno, coerente com aquilo que já exijo aos meus formandos no PRA.

Defino por isso três ações concretas:

- Criar um registo breve e regular (não mais do que 10 minutos, no fim de cada semana de formação) que sintetize uma aprendizagem por curso ou UFCD/UC, em vez de apenas os resultados ou materiais produzidos.
- Reaproveitar ferramentas que já domino (um documento Word simples ou um Excel) para estruturar esse registo por curso e por data, associando-o diretamente às evidências que já reúno para o meu próprio e-Portefólio.
- Rever esse registo trimestralmente, tratando-o não como uma obrigação do curso, mas como o mesmo exercício de reconhecimento e validação que ajudo os meus formandos a percorrer, aplicando-o assim a mim própria.

Tal como a autoavaliação evidenciou, a versatilidade entre contextos é já uma competência consolidada; o que falta consolidar é o hábito de a transformar em conhecimento explícito sobre a minha própria prática. E é esse o compromisso que assumo para a fase seguinte do meu percurso como formadora que reflete.

Vânia Lobato Cândia